

CEJA >>

CENTRO DE EDUCAÇÃO
de JOVENS e ADULTOS

**CIÊNCIAS
HUMANAS**

e suas **TECNOLOGIAS** >>

História

Edição revisada 2016

Fascículo 8
Unidades 15 e 16

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador

Luiz Fernando de Souza Pezão

Vice-Governador

Francisco Oswaldo Neves Dornelles

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Secretário de Estado

Gustavo Reis Ferreira

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Secretário de Estado

Antônio José Vieira de Paiva Neto

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

PRODUÇÃO DO MATERIAL CEJA (CECIERJ)

Coordenação Geral de Design Instrucional

Cristine Costa Barreto

Elaboração de História

Gilberto Aparecido Angelozzi

Gracilda Alves

Sabrina Machado Campos

Denise da Silva Menezes do Nascimento

Márcia Pinto Bandeira de Melo

Marcus Ajurua de Oliveira Dezemone

José Ricardo Ferraz

Priscila Aquino da Silva

Inês Santos Nogueira

Renata Moraes

Erika Arantes

Maria José Carvalho

Rafael Cupello Peixoto

Gustavo Souza

Claudia Affonso

Revisão de Língua Portuguesa

José Meyohas

Coordenação de

Desenvolvimento Instrucional

Bruno José Peixoto

Flávia Busnardo

Paulo Vasques de Miranda

Desenvolvimento Instrucional

Gabriel Ramos Gomes da Costa

Renata Vittoretti

Coordenação de Produção

Fábio Rapello Alencar

Assistente de Produção

Bianca Giacomelli

Projeto Gráfico e Capa

Andreia Villar

Imagem da Capa e da Abertura das Unidades

Andreia Villar

Diagramação

Camille Moraes

Filipe Dutra

Fernanda Novaes

Larissa Averbug

Mario Lima

Núbia Roma

Ilustração

Clara Gomes

Fernando Romeiro

Renan Alves

Vinicius Mitchell

Produção Gráfica

Patrícia Esteves

Ulisses Schnaider

Sumário

Unidade 15	Afasta de mim esse cale-se: a redemocratização brasileira	5
------------	--	---

Unidade 16	Para entender o mundo em que vivemos	35
------------	--------------------------------------	----

Prezado(a) Aluno(a),

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação. Estamos aqui para auxiliá-lo numa jornada rumo ao aprendizado e conhecimento.

Você está recebendo o material didático impresso para acompanhamento de seus estudos, contendo as informações necessárias para seu aprendizado e avaliação, exercício de desenvolvimento e fixação dos conteúdos.

Além dele, disponibilizamos também, na sala de disciplina do CEJA Virtual, outros materiais que podem auxiliar na sua aprendizagem.

O CEJA Virtual é o Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do CEJA. É um espaço disponibilizado em um site da internet onde é possível encontrar diversos tipos de materiais como vídeos, animações, textos, listas de exercício, exercícios interativos, simuladores, etc. Além disso, também existem algumas ferramentas de comunicação como chats, fóruns.

Você também pode postar as suas dúvidas nos fóruns de dúvida. Lembre-se que o fórum não é uma ferramenta síncrona, ou seja, seu professor pode não estar online no momento em que você postar seu questionamento, mas assim que possível irá retornar com uma resposta para você.

Para acessar o CEJA Virtual da sua unidade, basta digitar no seu navegador de internet o seguinte endereço:
<http://cejarj.cecierj.edu.br/ava>

Utilize o seu número de matrícula da carteirinha do sistema de controle acadêmico para entrar no ambiente. Basta digitá-lo nos campos "nome de usuário" e "senha".

Feito isso, clique no botão "Acesso". Então, escolha a sala da disciplina que você está estudando. Atenção! Para algumas disciplinas, você precisará verificar o número do fascículo que tem em mãos e acessar a sala correspondente a ele.

Bons estudos!



Como você pode verificar no mapa da América Latina, a espacialização dessas fronteiras é feita por meio de linhas que definem os territórios dos diversos países existentes no continente.

A divisão territorial dentro de um país é definida de diversas maneiras, a depender dos critérios definidos pelo seu governo. Há fronteiras internas que dividem regiões, estados e municípios. Há fronteiras administrativas, departamentais e distritais. Há fronteiras regionais, culturais e compreendidas no âmbito da identidade.

Os indivíduos que formam um povo são em comum aspectos culturais, como língua, religião, história, cultura, entre outros. Podem ser povos de diferentes culturas, como os povos indígenas da Índia, da China, da Rússia, entre outros, ou povos de outros povos. São as chamadas sociedades "multiculturais", ou seja, que vivem sob a influência de um poder político central.



Para entender o mundo em que vivemos

Fascículo 8
Unidade 16

Para entender o mundo em que vivemos

Para início de conversa..

O convite é muito simples: vamos entrar numa das várias manifestações que aconteceram no Brasil ao longo de 2013 e observar um pouco? Em um bloco de papel vamos anotar as frases e slogans estampados nos cartazes? Não esqueça também de reparar as pessoas: idade, maneiras de se portar e vestir, preocupações aparentes.



Figura 1 - Manifestantes nos protestos de 2013 – Rio de Janeiro.

Pois bem. Havia tanta gente nas manifestações que provavelmente nenhum de nós conseguiu observar todos os detalhes sozinho. Alguns, entretanto, saltam aos olhos. Havia gente de todas as idades, mas o predomínio era de jovens, concorda? Muito diferentes entre si, denunciando variados problemas e sustentando cartazes com as mais diversas propostas, tinham nas mãos muitas câmeras para postar nas redes sociais? O desejo de “registrar a cena” e “registrar-se na cena” sugere algo

mais. Por quê? Uma explicação plausível é de que, por razões complexas, aquelas pessoas desejam guardar o momento na memória, talvez condição de notabilizá-lo e torná-lo histórico. Sim, é possível que se sentissem “fazendo História”.

O estopim inicial das manifestações estava no adesivo “ocupar as ruas contra o aumento”. É que o aumento das passagens de ônibus acabou gerando uma hipótese inicial de que o problema eram os 20 centavos de acréscimo nos bilhetes.

Muita gente se surpreendeu ao perceber que o fenômeno não era tão simples assim. Em crescentes passeatas, pessoas em todas as partes do país puseram-se a gritar contra a corrupção, os desvios de dinheiro público, a destruição da natureza, a perda de representatividade dos partidos políticos, os desmandos dos governantes... Gritava-se também a favor: da escola pública de qualidade, da saúde pública para todos, do direito dos homossexuais, da igualdade...

Observe os cartazes abaixo:

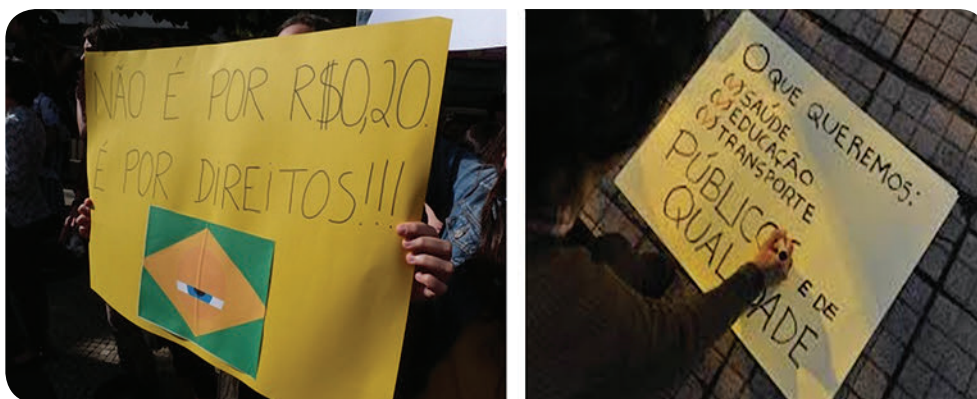


Figura 2 - Manifestantes nos protestos de 2013 – Rio de Janeiro.

Num contexto de grandes investimentos na preparação de megaeventos como a Copa das Confederações de Futebol (2013), a Jornada Mundial da Juventude Católica (2013), a Copa do Mundo de Futebol (2014) e as Olimpíadas (2016), os brasileiros reivindicaram qualidade nos serviços públicos.

O processo amplo que nos permite compreender as manifestações, o elenco das preocupações por elas expressas e a nova configuração tanto dos movimentos sociais quanto das individualidades exige de nós um recuo histórico. É que parte dos temas e problemas colocados remetem às expectativas de direitos públicos universais constituídos pelo Estado de Bem-estar Social, na Europa, entre as décadas de 1940 e 1970, posteriormente “reformados” pela emergência do Estado Neoliberal, entre 1980 e 2010.

Outra questão importante: as mudanças indicadas acima se relacionam intimamente com mudanças na forma de trabalhar, no acesso ao trabalho e nas relações que o trabalho teve/tem com os direitos públicos dos cidadãos. Ao longo deste capítulo precisamos perceber a transição do acesso à cidadania pelo trabalho para a crescente articulação entre cidadania e consumo. Em outras palavras, vamos acompanhar o binômio emprego/desemprego como uma das chaves de leitura da luta pela cidadania.

A compreensão dos fenômenos históricos globais nos convida a entrar e observar outras tantas manifestações... Vamos lá?

Objetivos da aprendizagem

- Caracterizar o Estado de Bem-estar Social e sua base estrutural;
- Relacionar a Crise do petróleo com os efeitos sociais decorrentes disso;
- Identificar como a crise do petróleo afetou o Brasil;
- Identificar neoliberalismo, seu alcance de atuação e sua crise;
- Relacionar argumentos que apontem as contradições da globalização, utilizando exemplos de lutas antiglobalização;
- Avaliar o contexto político da Era Lula-Dilma e suas consequências.

Seção 1

Do Estado de Bem-estar Social ao Neoliberalismo: vale a pena entender melhor...

Conforme estudamos em unidades anteriores, após o término da 2ª Guerra Mundial (1945), os governos europeus decidiram ampliar os direitos públicos universais considerados essenciais à vida em sociedade. Desta forma, educação, emprego, saúde, previdência e assistência passaram a ser priorizados nos projetos de desenvolvimento. Era o chamado “Estado de Bem-estar Social” (Welfare States). Mas será que isto deu certo? Será que desenvolvimento econômico rima com melhorias sociais para a população?

Para os Estados Unidos (EUA) e a Europa, este período ficou conhecido como a *Era de Ouro* do capitalismo, pois, em grande parte, durante uma geração, a pobreza, o desemprego em massa, a miséria e a instabilidade econômica foram coisas do passado. Era o momento da Guerra Fria, em que *o fantasma do comunismo rondava todo o planeta*. Afinal, quase metade da população do mundo já vivia sob esse regime. Não podemos esquecer que a Rússia (1917), China (1949), Cuba (1959), dentre outros, haviam realizado revoluções socialistas. Portanto, era preciso garantir melhorias nas condições de vida e de trabalho do povo sem colocar o modelo capitalista em xeque.

Como nem tudo são flores, ao mesmo tempo em que melhorava a vida da população, estes governos, ao financiar pesquisas tecnológicas de ponta, desenvolveu um campo de risco para a paz mundial e o meio ambiente. Pois havia um forte interesse destas empresas privadas no setor bélico (militar), da mesma forma, com a possibilidade do aumento do consumo em massa, elas precisariam de mais recursos naturais e matérias-primas. Como você já viu, estas nações tornaram-se grandes consumidoras de petróleo e os seus maiores fornecedores eram os países do Oriente Médio.

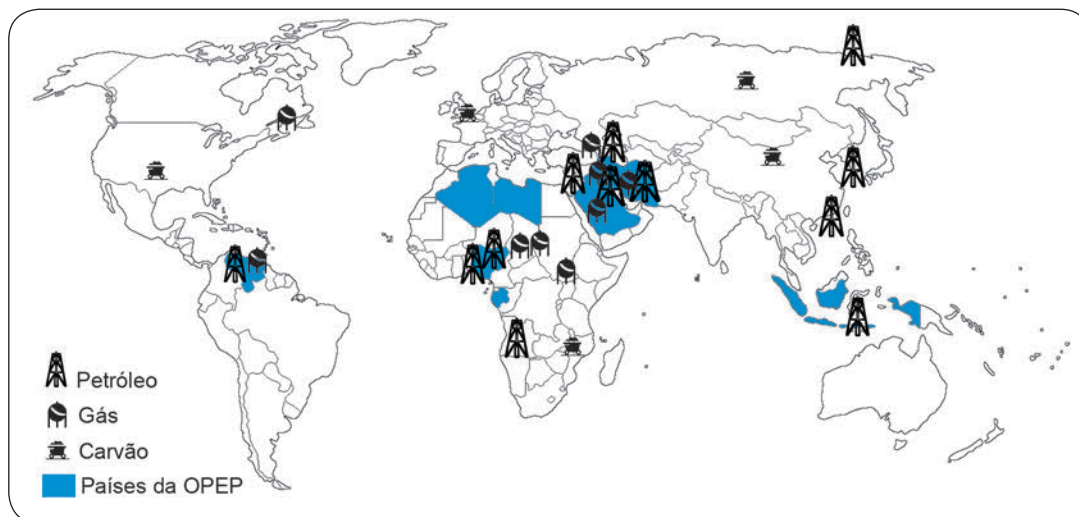


Figura 3 - Produção de petróleo.

Dessa forma, nos anos de 1970, o mundo árabe percebeu que tinha um importante trunfo em suas mãos, o chamado “o uro negro”.



Figura 4 – Petróleo: o “ouro negro”.

A Crise do petróleo

Isto mesmo: o petróleo! Assim, o preço do barril, e conseqüentemente do dólar, disparou. Várias fábricas europeias e norte-americanas faliram, milhares de trabalhadores perderam seus empregos e a bolsa de valores de Nova Iorque foi atingida. Era a Crise do Petróleo.

Falências, desemprego, crise econômica, problemas na bolsa de Valores de Nova Iorque. Muita gente acreditou estar vivendo uma nova Crise de 1929. Mas, esta nova crise era diferente e os efeitos negativos foram enfrentados de maneira distinta: os sistemas de proteção social e regulação – típicos do Estado de Bem-estar Social – ao manter as compras públicas e pagar seguros desemprego salvaram as empresas do acúmulo de estoques e mantiveram o poder de compra dos cidadãos. Apesar disso, a crise se fez presente e com ela a insatisfação.

O desemprego de jovens, mulheres e operários da indústria tradicional, apesar de acionados os mecanismos de proteção social, acabou por reinstaurar a carência, a pobreza e a corroer as bases da integração social propostas pelo Estado de Bem-estar. É neste contexto, no qual o imigrante é visto como um concorrente na fila de emprego e nos programas de benefícios sociais, que a xenofobia – ódio ao estrangeiro - e o racismo no continente europeu cresceram.

Observe a tabela sobre aumento do desemprego na Europa Ocidental.

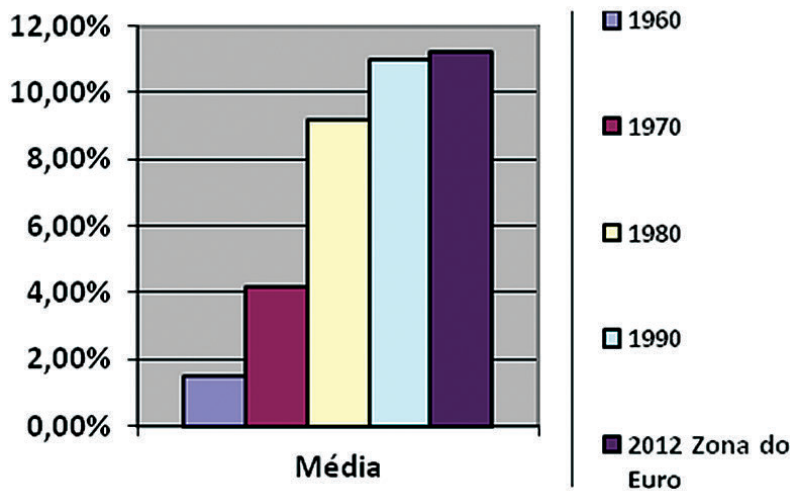


Figura 5 - Variação no índice de desemprego da década de 1960 até o ano de 2012.

O desemprego tinha raízes mais profundas. Não era apenas um desemprego temporário. Nessas décadas, novas máquinas e tecnologias substituíram de forma permanente o trabalho humano... A esse tipo de desemprego dá-se o nome de *estrutural*, ou seja, os empregos suprimidos no setor industrial, agrícola e de serviços não foram recuperados. Basta pensar que as tecnologias mudam e que empregos que eram comuns nos anos 70 e 80, como o de datilógrafa, não existem mais.

Contudo, a capacidade de produzir não foi limitada ou diminuiu. O uso do modelo de produção flexível que adapta a produção à demanda do mercado consumidor (ou *toyotismo*) manterá e ampliará a produção, acrescentando possibilidades novas como a dispersão das fábricas pelo mundo – agora menores e mais compactas. O controle dos estoques e a divisão do processo de produção, que tem como resultado a escolha de lugares para as montadoras onde a relação custo/benefício seja mais vantajosa. Através desse modelo vemos Estados negociando com fábricas internacionais isenções fiscais para que levassem suas montadoras para região – esperando assim, gerar mais emprego e renda.

A reestruturação produtiva levou também ao aumento do abismo entre os países desenvolvidos e os não desenvolvidos, já que o domínio das novas tecnologias consistirá numa das formas de reafirmação do poder econômico, político e cultural dos países centrais. Os países da América Latina, África e Ásia, que tradicionalmente foram consumidores de produtos industrializados e recebiam financiamentos vindos da Europa e dos Estados Unidos, verão sua dependência ampliada. Pense, por exemplo, nos telefones celulares mais modernos, os smartphones. A maioria é de tecnologia estrangeira. A globalização é, certamente, parte e produto deste processo.

A globalização é o processo que estabelece uma integração entre países e pessoas de todo o mundo, ou seja, uma mundialização que envolve transações comerciais, financeiras e culturais. Esse processo foi impulsionado nas últimas décadas do século XX pelo desenvolvimento de novas tecnologias, pela dinamização dos transportes e pelo desenvolvimento das telecomunicações. Com isso, a sensação é a de que o mundo se tornou menor e as distâncias mais curtas.

Algumas características do processo de globalização são:

- A ampliação da competição comercial entre países e regiões;
- Pressão pela liberalização do comércio;
- Formação de blocos econômicos como o MERCOSUL e a União Europeia;
- Subordinação dos interesses nacionais aos interesses das empresas transnacionais.




Saiba Mais

“O que tornava os problemas econômicos das Décadas de Crise extraordinariamente perturbadores, e socialmente subversivos, era que as flutuações conjeturais coincidiam com convulsões estruturais. A economia mundial que enfrentava os problemas das décadas de 1970 e 1980 não era mais a da Era de Ouro, embora fosse, como vimos, o produto previsível daquela era. Seu sistema de produção fora transformado pela revolução tecnológica, globalizado ou “transnacionalizado” em uma extensão extraordinária e com consequência impressionantes. Além disso, na década de 1970 tornou-se impossível ignorar as revolucionárias consequências sociais e culturais da Era do Ouro (...), assim como suas consequências ecológicas potenciais.” (HOBSBAWN;1995.)

Pensando sobre o texto, responda:

- Explique a frase sublinhada.
- Cite duas consequências ecológicas potenciais da Era de Ouro do capitalismo.



Anote suas respostas em seu caderno



Atividade

1

Nos anos 1990, com o fim da URSS, a crise atingiu o socialismo ocidental na Rússia, Polônia, Tchecoslováquia, Romênia e Bulgária. Apenas a China e o sudeste da Ásia saíram da crise com a economia dinâmica. Na África e América Latina, a depressão se prolongou nos anos 1980. Essa crise persistiu e se aprofundou durante a Revolução Islâmica (1979), que levou o Aiatolá Khomeini ao poder no Irã, depondo o aliado do governo norte americano, o Xá Reza Pahlevi. Mais uma vez, os preços do petróleo dispararam. Com o objetivo de aumentar os recursos frente ao novo choque do petróleo, o governo americano elevou a taxa de juros dos títulos da dívida pública dos EUA e impactou o mundo todo, especialmente a América Latina e o Brasil, pois os países latino-americanos possuíam, nas décadas de 1970 e 1980, as maiores dívidas externas do mundo e os EUA eram os principais credores desta dívida. Assim, quando os EUA decidiram pela ampliação dos juros por lá, nossa dívida externa cresceu junto.

No conjunto, a crise dos anos 1970 mudou as perspectivas do mundo ocidental capitalista. E nos EUA a resposta veio com a eleição do republicano Ronald Reagan, no mesmo ano. As propostas de governo de Reagan iam na contramão do Estado de Bem-estar Social, já que uma de suas resoluções era justamente diminuir o papel do Estado na economia. Assim, Reagan substituiu a assistência estatal pela competição, valorizando o individualismo. Sua política ia ao encontro da postura da primeira-ministra inglesa, Margareth Thatcher, na implantação do neoliberalismo. Para recuperar o prestígio externo dos EUA e ampliar seu poder nas regiões produtoras de petróleo, Reagan apoiou o Iraque de Saddam Hussein contra o Irã, na guerra que se estenderia por toda a década de 80.

E como estava o Brasil em meio a estas transformações?

No caso brasileiro, nunca houve um Estado de Bem-estar Social. No período analisado acima, o Milagre Econômico (1968-1973) tinha sido realizado a partir do modelo energético do petróleo e da captação de financiamentos externos. A substituição progressiva do transporte ferroviário pelo automobilístico era apenas uma evidência disto. Como dependíamos da importação de petróleo para suprir as necessidades do mercado interno, podemos entender o impacto do 1º Choque do Petróleo (1973) em nossas contas externas. As flutuações de preço do barril, provocadas pelos conflitos internacionais, resultavam em dificuldades para a manutenção do ritmo de crescimento da economia brasileira. Era a crise do Milagre Brasileiro.

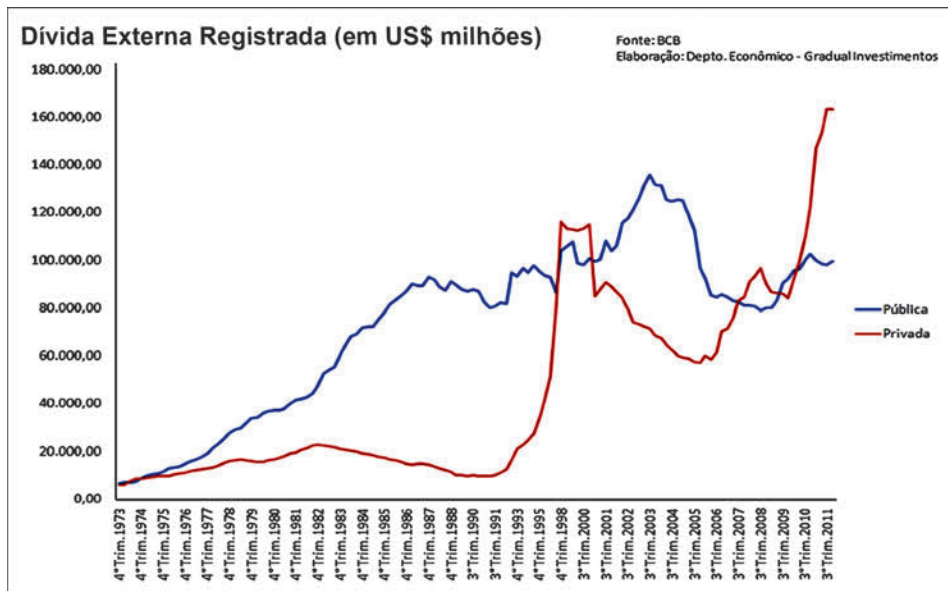


Figura 6 - Dívida externa.

Além disto, devemos considerar o peso do endividamento externo do país nos anos 1970. As grandes obras realizadas pelo governo ditatorial brasileiro (1964-1984) custavam caro. Como o crescimento acelerado demandava investimentos em infraestrutura (estradas, energia, entre outros), o ritmo da tomada de empréstimos se intensificava. Já imaginou o custo para construir uma das maiores hidrelétricas do mundo, como Itaipu? Ou uma das maiores pontes do mundo, como a Rio-Niterói? Ou, ainda, para construir as Usinas nucleares de Angra? De tão grande, nossa dívida externa, parecia mesmo eterna!



Hidroelétrica de Itaipu

Ponte Rio-Niterói

Usina Nuclear de Angra dos Reis

Figura 7 – Obras grandiosas que contribuíram para o aumento da dívida externa brasileira.

E para piorar, investidores estrangeiros preferiram comprar papéis da dívida externa americana, considerados mais seguros do que os investimentos no Brasil, ou em outros países da América Latina. Desta forma, houve fuga dos capitais necessários ao financiamento de nossa economia. O resultado disto é que na década de 1980 o Brasil cresceu a níveis muito baixos. Neste período, um dos objetivos básicos do governo brasileiro era a renegociação da dívida externa, finalmente alcançada em 1992. Não conclua, entretanto, que esta renegociação nos tenha sido muito favorável. É que a renegociação das dívidas externas vinha agora com as imposições do *Consenso de Washington*: desregulamentação; privatização; abertura comercial, enfim, desmontagem do Estado desenvolvimentista.



Saiba Mais

Consenso de Washington foi uma expressão cunhada por John Williamson, do International Institute for Economy, que promoveu, em 1989, uma reunião para discutir as reformas necessárias para que a América Latina saísse da década que alguns chamavam de “perdida” – em função da estagnação, inflação, recessão e dívida externa – e retomasse o caminho do crescimento.

Foram conteúdos do consenso:

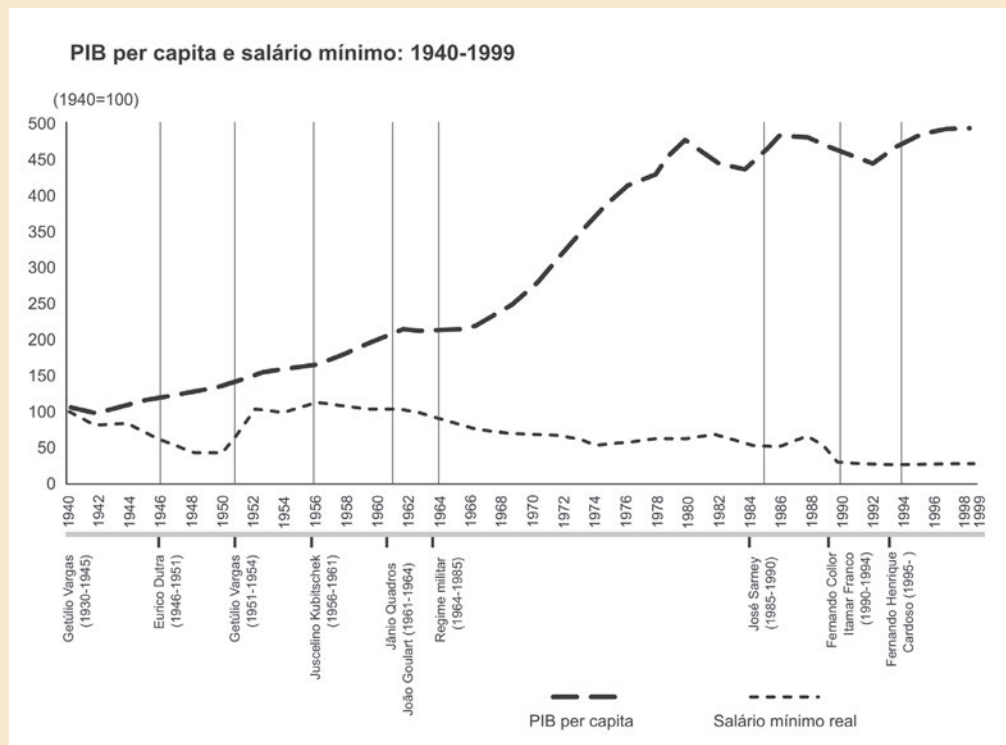
- A política macroeconômica: esforço de equilíbrio fiscal; reforma administrativa e previdenciária; corte dos gastos públicos;
- Estabilização monetária e reformas;
- Desoneração fiscal do capital para ampliar a competitividade;
- Desregulamentação dos mercados financeiros e do trabalho.

As lutas pela redemocratização do país, desde os anos 1970, deram aos anos 1980 uma dinâmica contraditória. Se por um lado, a crise do modelo econômico se evidenciava e a inflação corroía os salários, por outro, a ampliação da mobilização e participação política – as greves operárias, a fundação e refundação de sindicatos e partidos, a retomada do movimento dos trabalhadores rurais (agora em torno do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), a criação de associações de moradores, a retomada do movimento estudantil, entre tantos outros – fizeram dos anos de 1980 memoráveis tempos de ação cidadã em defesa dos direitos públicos sintetizados no Movimento das Diretas Já! (1984), na Constituição Cidadã (1988) e na primeira eleição direta para presidente da República pós-ditadura, em 1989.

Desta forma, embora avançassem na Europa e nos Estados Unidos, as propostas neoliberais não puderam se estabelecer, aqui no Brasil, naqueles anos.

Analise o gráfico abaixo e reflita sobre o que se pede.

Atividade
2



Observe o afastamento entre a linha que representa o aumento do PIB *per capita* e aquela que representa o salário mínimo real.

- O que este afastamento significa?
- Que período histórico é particularmente representativo deste afastamento?

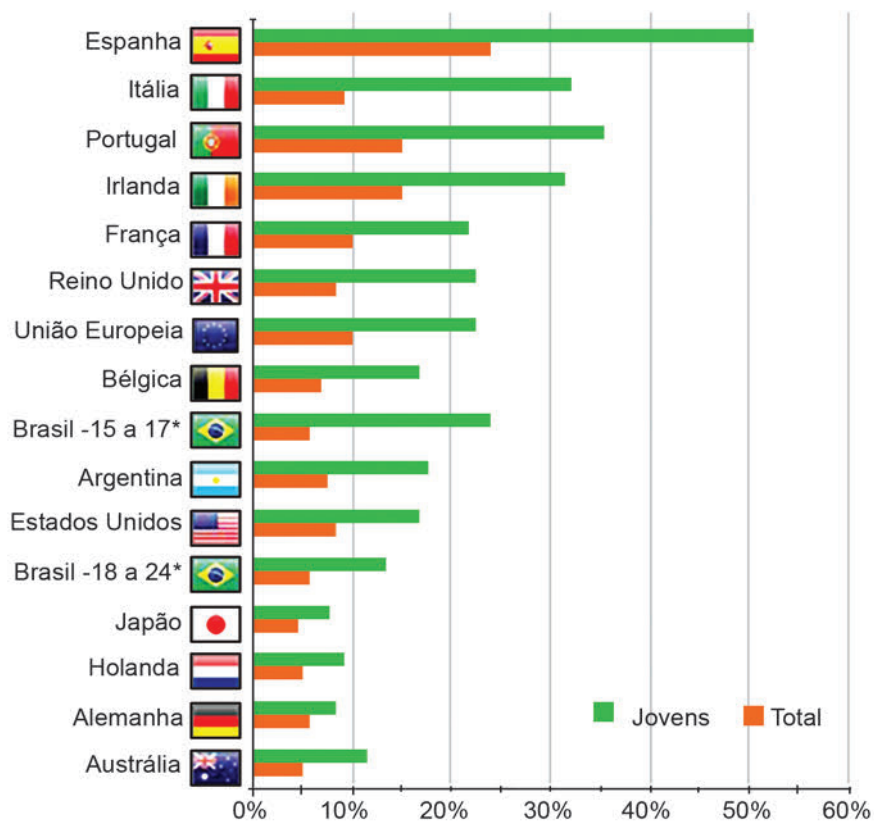
Anote suas
respostas em
seu caderno

A emergência do neoliberalismo

Com todo esse cenário que se desenhou até agora, temos condição de entender o contexto histórico da chamada “virada conservadora” (1979/82), ou seja, o momento em que as teses neoliberais foram implementadas por vários governantes e se tornaram dominantes. Do 1º Choque do Petróleo (1973), passando pelo 2º Choque do Petróleo (1979) e chegando à crise das dívidas externas, o que se operava era uma profunda mudança, em um período de recessão prolongada. Recessão esta marcada pela desaceleração do crescimento, aumento da inflação, aumento do desemprego, aumento dos gastos públicos de natureza social e falência das políticas de estabilização. O Estado de Bem-estar Social, nos países centrais, e o Estado Nacional Desenvolvimentista, nos periféricos, pareciam impotentes frente a essas dificuldades. Além disso, alguns autores afirmam que a crise do socialismo na URSS e no leste europeu acabou por facilitar a expansão das ideias neoliberais, já que o contraponto socialista deixou de existir, o que parecia sublinhar a superioridade dos regimes capitalistas do ocidente.

E o Neoliberalismo resolveu a crise? O crescimento econômico seguiu sendo medíocre. A produtividade nunca mais cresceu como anteriormente. Os salários nunca mais recuperaram a participação que já obtiveram na riqueza nacional. A riqueza concentrou-se de uma forma nunca antes vista na história do capitalismo. Por outro lado, se os gastos sociais caíram, os gastos públicos mantiveram-se iguais na maioria dos países centrais, ou aumentaram. O que houve foi uma redefinição dos gastos. Isto é, aumentou a quantidade de recursos gastos com a dívida financeira e diminuiu a quantidade de gastos com saúde e educação, por exemplo.

Por fim, essa longa era neoliberal nos deixou um alto índice de desemprego e levou à precarização do emprego através dos contratos de trabalho flexíveis, aqueles em que o trabalhador tem seus direitos - como, por exemplo, carga horária, descanso e férias - apenas parcialmente respeitados.



*O IBGE divide o desemprego entre os jovens no Brasil nessas duas faixas etárias.

Figura 8 - Índice de desemprego dividido em duas faixas etárias.

Crítica e crise do modelo neoliberal

A imagem abaixo expressa os sentimentos e atitudes contraditórios que temos diante da Globalização. Por um lado, observamos uma visão positiva do processo de globalização, que tornou as distâncias entre as pessoas menores. Por outro, temos uma visão negativa. Será que em um mundo onde a cultura se torna global, as pessoas consomem os mesmos produtos, assistem os mesmos filmes e gostam das mesmas músicas, não estaríamos todos nos tornando iguais?



Figura 9 – Festa da globalização.

Todo processo, claro, tem seus aspectos positivos e negativos. E a globalização também! Por exemplo, o processo foi responsável pela disseminação de novas tecnologias que requerem mais conhecimento e aprendizado do que trabalho manual. A internet se torna mais inclusiva com mais pessoas ao redor do mundo acessando a rede. O mundo torna-se menor, tanto para a circulação de produtos e dinheiro, quanto de pessoas e informações. Além disso, as inovações tecnológicas reduziram o desperdício de energia humana em tarefas arriscadas e repetitivas.

Contudo, a globalização também possui seus pontos negativos. O conceito de desenvolvimento é preocupante – a globalização impõe uma ideia de desenvolvimento própria dos países ricos. Outro problema é que as economias dos Estados se tornam subordinadas a interesses de empresas e grupos transnacionais. Tudo isso gera uma concentração de capital nas mãos dos mais ricos e a mercantilização dos seres humanos e da natureza, pondo em risco a sobrevivência humana, entre outros problemas.

De qualquer forma, no período estudado, você percebeu que a afirmação do capitalismo globalizante e do neoliberalismo baseava-se na certeza de que o mercado como entidade livre e autônoma organizaria e regularia as relações de produção e consumo e ao mesmo tempo, estimularia a competição saudável e criativa entre os homens. Isso sustenta a reforma do Estado e a diminuição dos direitos públicos universais que tinham sido importantes para garantir seguridade frente à crise, nos países centrais.

Nos países da periferia – os da América Latina, África e Ásia – e do Leste Europeu, a crise nos anos 1980 não foi menos intensa e devastadora. A subordinação ao *Consenso de Washington* no momento da renegociação das dívidas externas fez com que o esforço de equilíbrio fiscal, a reforma administrativa e previdenciária sugeridos pelos bancos internacionais, levassem a cortes dos gastos públicos num nível, abrangência e violência que ampliaram a desproteção social. É assim que Argentina, Brasil e seus vizinhos adentram nos anos 1990: dívidas externas renegociadas, ata-

ques de especuladores que buscam as altas taxas de juros pagas por aqui, taxas de desemprego alarmantes e pouca ou nenhuma estratégia de proteção social. Com isso, aumentou o abismo que separava ricos e pobres, a desigualdade social tornou-se mais uma medalha em nossa História, já que o Brasil ocupará a nada honrosa 3ª posição no ranking dos países mais desiguais do planeta, segundo a ONU.

A Primeira Ministra Britânica, Margareth Thatcher (1979-1990) cunhou a expressão que resumiria a posição dos neoliberais naquele momento: "*There is not alternative*" (t-i-n-a), ou seja, "não há alternativa". Os problemas decorrentes da reestruturação produtiva não poderiam ser confrontados por nenhuma outra solução senão a aposta no mercado e nas soluções individuais promovidas no âmbito do capitalismo neoliberal globalizado. A fórmula, dita e repetida, tornou-se sigla para os que dela compartilhavam. Parecia sustentável que não havia alternativa. Entretanto, havia outros posicionamentos frente a globalização e o neoliberalismo, tal como observamos no texto abaixo.

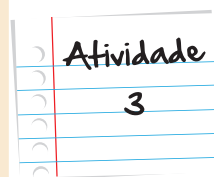
Leia o texto sobre o Fórum Social Mundial e reflita sobre as sugestões de Frei Betto.

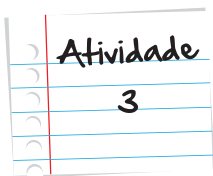
Um outro mundo é possível.

Frei Betto

"O Fórum Social Mundial de Porto Alegre, agora em segunda edição, reúne e converge as atenções daqueles que reconhecem o fracasso do atual modelo de globalização. Segundo dados do Banco Mundial, somos 6,1 bilhões de pessoas no planeta, das quais 1,2 bilhão vivem abaixo da linha da miséria (renda mensal inferior a US\$ 30) e 2,8 bilhões abaixo da linha da pobreza (renda mensal inferior a US\$ 60).

Para João Paulo II, este modelo de globalização agrava as desigualdades entre as nações e penaliza os pobres. Hoje, 80% da produção industrial do mundo é absorvida por apenas 20% da população da Terra. E quatro cidadãos dos EUA - Bill Gates, Larry Ellison, Warren Buffett e Paul Allen - possuem, juntos, fortuna superior às riquezas de 42 nações com 600 milhões de habitantes.





“O livre mercado resultou em guerras; o receituário do FMI empobrece a América Latina e leva a Argentina à falência, obrigando o Brasil a sofrer uma sangria mensal de US\$ 2 bilhões; o desemprego tornou-se crônico; o socialismo faliu no Leste europeu. São fatores que nos obrigam a refletir sobre o estado atual do mundo e a encontrar uma saída, através da qual o bem comum se sobreponha aos interesses privados, os direitos humanos à ambição de lucro, o bem-estar social ao monetarismo ortodoxo que estabiliza moedas e desestabiliza populações.

(...)

A prioridade não é contrapor-se ao Fórum Econômico Mundial, transferido de Davos para Nova York, nem denunciar os desacertos gritantes do atual modelo de globalização, mas abrir pistas de esperança, a partir de experiências concretas, rumo a um novo modelo de sociedade sustentável, solidária, centrada na defesa dos direitos humanos e dos recursos da Terra.

(...)

Em Porto Alegre naufraga a ditadura do pensamento único e irrompe a certeza de que sonho que muitos sonham transforma-se em realidade.

(Fonte: <http://alainet.org/active/1707>)

Em “Um outro mundo é possível”, escrito em 2002, Frei Betto, se opõe a ideia apresentada por Margareth Thatcher segundo a qual não haveria alternativas ao modelo de capitalista neoliberal. O autor resume, ainda, a crítica ao “atual modelo de globalização”. Agora que você já leu o texto e refletiu sobre ele, responda:

Retire do texto duas críticas ao modelo.

Qual seria o principal objetivo do Fórum Social Mundial, segundo Frei Betto?

Anote suas respostas em seu caderno

Seção 2

As lutas antiglobalização

Já na década de 1990, diversas manifestações espalhadas pelo mundo, passaram a se autodenominar “lutas antiglobalização” ou “antimundialismo”. Ao que tudo indica, o nome surgiu da *Ação Global dos Povos*, movimento que coordenou vários dias de ação contra o sistema capitalista, cujo início foi em junho de 1999, na cidade de Colônia, Alemanha.

A partir da crítica aos efeitos destrutivos da globalização capitalista, particularmente a denúncia do poder das empresas transnacionais e a concentração de riquezas nos países do norte, as manifestações assumiram heterogeneidade marcante. Podiam ser lutas ecológicas, feministas, indígenas, de comunidades tradicionais como quilombolas, por exemplo. Neste processo, surgiram Organizações Não Governamentais (ONG's) e Grupos de Defesa desta e daquela causa. Observando essa diversidade de ações e grupos, alguns autores chegaram a associar as lutas antiglobalização aos chamados novos movimentos sociais. Não raro, estiveram juntos os trabalhadores e seus sindicatos, os camponeses e suas ligas e movimentos, os estudantes e os grupos e partidos de esquerda.

Em meio à diversidade de bandeiras, destacaram-se como propostas em comum: o cancelamento das dívidas externas dos países pobres, a proteção do meio ambiente com a redução da emissão de gases poluentes, a modificação das regras de comércio internacional e a denúncia contra o superpoder das multinacionais. Opondo-se aos organismos internacionais de gestão do capitalismo, como o *Fundo Monetário Internacional* (FMI) e a Organização Mundial do Comércio (OMC), estes movimentos apropriam-se da internet como meio de comunicação, mobilização e formação de seus militantes.



Figura 10 – Lutas antiglobalização.

Mais recentemente, a partir de setembro de 2011, o movimento *Occupy Wall Street* tomou o distrito financeiro de Wall Street, em Nova Iorque, nos EUA. Denunciando a responsabilidade do sistema financeiro internacional pela desigualdade, a pobreza e a crise mundial, o protesto espalhou-se por outras cidades dos EUA e do mundo. Estabelecidos em ocupações permanentes, os manifestantes organizam assembleias para decisões de encaminhamento coletivo de reivindicações e passam a conviver cotidianamente em meio à enorme diversidade de pessoas e projetos que ali se encontram representados. Sob o slogan “Nós somos os 99%”, o grupo denuncia a concentração de renda nos EUA.

Outras manifestações com essas características foram o *Movimento 12 de Março* ou *Geração à Rasca*, em Portugal; o *Movimento 15 de Março* ou *Movimento dos Indignados*, na Espanha e na Itália. Uma inspiração para os manifestantes foi a chamada *Primavera Árabe* que derrubou os governos da Tunísia e do Egito.



Saiba Mais

Primavera Árabe

O termo Primavera Árabe nomeia os diversos movimentos, aparentemente desconexos, que desde dezembro de 2010 vêm sacudindo países no norte da África e na Península Arábica. Foi criado a partir das preexistentes Primavera dos Povos - em referência às revoluções nacionais e socialistas que abalaram a Europa por volta de 1848 e da Primavera de Praga, movimento em defesa da liberdade e da autonomia da antiga Tchecoslováquia frente à dominação soviética, em 1968.

Em todos os casos, o que se quer evidenciar são movimentos com forte presença popular, em defesa da democracia e das liberdades individuais e coletivas que se opuseram a regimes autoritários ou ditatoriais. Mas, o que estamos chamando de Mundo Árabe? O Mundo Muçulmano? Do Oriente Médio? É possível afirmar que se trata de um único “Mundo” em movimento? Por Oriente Médio compreende-se uma região que ocupa a maior parte do sudoeste asiático. Já o Mundo Árabe é o conjunto formado por mais de 250 milhões de pessoas que ocupa o norte da África e o Oriente Médio. O mundo Muçulmano é maior que esses dois universos: abrange mais de um bilhão de pessoas, na África, na Ásia mas também fora delas. Se há coerência na utilização do termo Mundo Árabe, isto se refere às raízes históricas mais ou menos compartilhadas como: a adesão ao islamismo a partir do século VII por árabes, persas, turcos e a submissão ao Imperialismo europeu em fins do XIX e início do XX.

Em relação aos movimentos apontados na “Primavera Árabe” parece importante analisar a dinâmica entre o comportamento político individual e o coletivo - particularmente evidenciada no episódio da autoimolação (atear fogo em seu próprio corpo) de Mohamed Bouazizi, jovem tunisino que ao atear fogo ao próprio corpo, em dezembro de 2010, chocou e ajudou a mobilizar milhares de pessoas em seu país e fora dele. O que há de particular nesse caso? Trata-se de um desempregado que, por falta de opção transforma-se em vendedor ambulante de frutas. Proibido pelas autoridades locais de continuar com a atividade, pressionado pela carência e, segundo depoimentos, humilhado pela fiscalização - até aqui poderíamos estar descrevendo a rotina de um camelô no Centro do Rio de Janeiro, você não acha? - Bouazizi decide-se pela autoimolação.

Uma das demandas apresentadas pela Primavera Árabe em seu conjunto é a realização de eleições livres. A ideia claramente defendida é de que a democracia tem como um de seus fortes pilares a existência de eleições livres e periódicas.

(...)

A participação de jovens e, notadamente, de mulheres parece ser outra chave para a democratização. As mulheres tiveram atuação pioneira na Tunísia, onde foram vistas e fotografadas puxando seus maridos e filhos para as ruas. Há imagens de colunas de mulheres usando o véu islâmico nas manifestações da Praça Tahir, no Egito. Em 2011, o Prêmio Nobel da Paz foi concedido a três mulheres: a presidente liberiana, Ellen Johnson Sirleaf, sua compatriota e militante pela paz Leymah Ghowee e a iemenita Tawakkul Karman, ativista da Primavera Árabe.

Mas há outro detalhe que vem chamando muita atenção. A disseminação das redes sociais e das tecnologias de telefonia celular - tanto para falar, quanto para transmitir imagens via satélite, parecem ser um traço novo e marcante no conjunto dos movimentos em análise. É interessante destacar também que esses métodos de resistência tem se associado e mesmo impulsionado, os tradicionais métodos de organização como greves, comícios e passeatas. É assim que o Ocidente tem tomado contato com pessoas reais, em tempo real o que tem sido um poderoso antídoto contra preconceitos e slogans fáceis a propósito da cultura islâmica.



Particularmente interessante é a mobilização dos participantes de um movimento em relação ao desastre provocado pela passagem do furacão Sandy pela costa leste dos EUA, em 2012, os *occupiers*. Os manifestantes denunciam que a ajuda do governo aos desabrigados e desamparados vem juntamente com o endividamento dessas pessoas, que deverão pagar, no futuro, pela ajuda recebida agora.

Também na Europa, diversos acampamentos do movimento Occupy existiram e persistiram: Frankfurt (até fevereiro de 2012); Paris (até dezembro de 2011) e Madri (até junho de 2011), por exemplo.

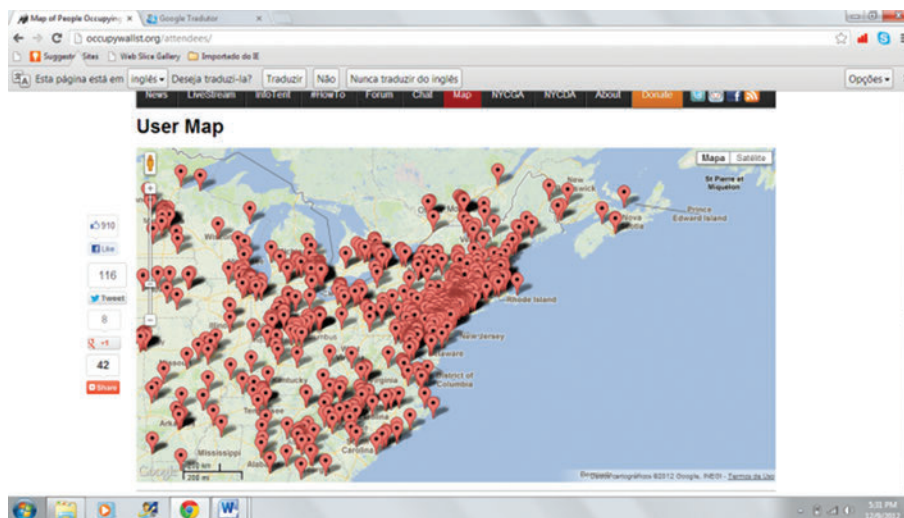


Figura 11- Mapa dos núcleos do movimento Occupy nos EUA.

Observando a riqueza dessas manifestações, Richard Sennet, sociólogo americano, escreveu:

“O que me interessa no movimento “Occupy” é que ele não foi tanto uma questão de ideologia, e sim de grupos de pessoas que nunca tinham passado muito tempo juntas e de repente se viram dividindo o mesmo espaço. Aqui em Londres, tínhamos os estudantes de sempre misturados a desempregados, pensionistas e gente que aparecia para protestar por motivos variados. Eram pessoas que estavam acostumadas a ler umas sobre as outras, mas que nunca tinham dialogado. Em um protesto político normal, as pessoas passam duas ou três horas juntas e se dispersam, mas no “Occupy” elas estavam no mesmo lugar dia após dia. Como ninguém consegue protestar o tempo todo, o que acontecia era muito bate papo, uma convivência que normalmente não é considerada “ação política”. O mais significativo dos protestos não eram os slogans, e sim as descobertas que as pessoas faziam umas sobre as outras. Foi um momento especial. Não sei se ele pode ser revivido, mas nele vislumbramos uma sociedade em que esse tipo de atitude poderia ser mais rotineira.” (Entrevista ao cadernos Prosa e verso do Jornal “O Globo” 11.08.2012)

Seção 3

O Brasil hoje



Figura 12 – Slogan do governo federal na Era Lula-Dilma.

Já prestou atenção nas frases acima? Repare que em destaque está a palavra Brasil, em segundo plano um slogan “um país de todos” ou “país rico é país sem pobreza”, tendo também uma assinatura: Governo Federal. Consegue imaginar do que se trata? No primeiro caso, trata-se da propaganda do governo brasileiro durante a gestão de Luiz Inácio Lula da Silva e, no segundo, durante a gestão Dilma Rousseff. Nestes slogans observamos o governo brasileiro construindo sua imagem através da propaganda e da aproximação com setores mais populares da sociedade. Você imagina as razões para isto?

Uma boa dica para início de conversa é pensarmos que tradicionalmente nosso país concentrou riqueza e poder nas mãos de poucos. Não por acaso, figuramos entre os países mais desiguais do planeta. É fato também que, como vimos antes, o processo de redemocratização pós-ditadura civil-militar, nos anos 1980, deu visibilidade a gru-

pos sociais e projetos políticos que tinham como base de sustentação a defesa da democracia e da cidadania. Você lembra que a Constituição brasileira de 1988 representou grande novidade em relação à cidadania? Pela primeira vez em nossa História, uma constituição assegurava direitos sociais como saúde e educação a todos os cidadãos. Ocorre que, embora estando na lei, esses direitos não foram efetivamente estendidos a todos. Daí persistirem a desigualdade e a pobreza.

Quando as restrições do Consenso de Washington e as reformas do modelo neoliberal – que estudamos na seção anterior – foram implantados no Brasil, ao longo dos anos 1990, os problemas aumentaram. Por um lado, a Reforma do Estado buscava torná-lo mínimo e materializou-se nas privatizações de empresas estatais. Por outro, deteve-se o processo de universalização de políticas sociais, o que aprofundou a pobreza e a desigualdade.

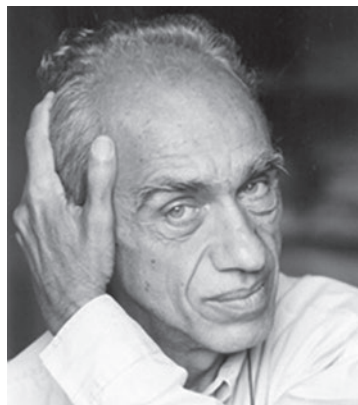
Em 2002, um candidato que tinha sido operário, líder sindical nas greves do ABC paulista durante a ditadura, membro do Partido dos Trabalhadores (PT), migrante nordestino, deputado constituinte em 1988, chegou ao poder. Isso gerou uma enorme expectativa de que a desigualdade e a pobreza fossem, finalmente, combatidas com um empenho jamais visto.



Figura 13 - Início da trajetória política de Lula, no Movimento Sindical.

Dialogando com as expectativas dos seus eleitores, uma das características do governo Lula foi a ampliação de programas sociais. Em seu primeiro mandato criou o “*Fome Zero*”, programa que tinha o objetivo de erradicar a fome no país, assegurando o direito humano à alimentação adequada às pessoas com dificuldades de acesso aos alimentos. Com forte inspiração nas ideias do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, que dizia que “Quem tem fome tem pressa”, o “*Fome Zero*” ganhou repercussão internacional. Outro programa lançado por Lula foi o “*Bolsa Família*”, que beneficia famílias em situação de pobreza extrema com a condição de que mantenham os filhos na escola e com a carteira de vacinação atualizada. Pode-se listar, ainda, o “*Brasil Alfabetizado*”, voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos.

Saiba Mais



Quem foi Betinho?

“O sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, (...) tornou-se símbolo de cidadania no Brasil ao liderar a campanha contra a fome. Betinho mobilizou a sociedade brasileira para enfrentar a pobreza e as desigualdades. Hemofílico, morreu de Aids em 9 de agosto de 1997, deixando um exemplo de solidariedade e de luta pela transformação social. A Campanha Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida não foi a única frente em que Betinho se envolveu desde que voltara do exílio. Ainda nos anos 1980 foi articulador da Campanha Nacional pela Reforma Agrária. Junto com outras entidades, o Ibase organizou em 1990 o evento “Terra e Democracia”, que levou 200 mil pessoas ao Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro”. (Retirado de: <http://www.ibase.br/pt/perfil-betinho/>)

Durante o governo Lula os índices de geração de empregos e renda foram elevados. As relações econômicas com o resto do mundo também foram positivas e nossas exportações cresceram. O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), lançado durante o segundo mandato, mostrava uma política pública de planejamento que previa um conjunto de obras de infraestrutura, habitação e de apoio ao desenvolvimento econômico. Outro marco econômico do período foi a descoberta do **pré-sal**, assegurando ao país mais uma riqueza a ser explorada.

O que é o Pré-Sal?

Os jornais lançam notícias sobre o pré-sal frequentemente. Mas o que significa *pré-sal*? Trata-se da descoberta e o desenvolvimento de tecnologias para exploração de petróleo em águas profundas na plataforma continental brasileira. As estimativas do governo apontam que as reservas atinjam entre cinco e oito bilhões de barris de petróleo e gás natural. (Adaptado de: <http://www.conexaoaluno.rj.gov.br/especial.asp?EditeCodigoDaPagina=1478>).

Apesar disto, muitas críticas foram e são feitas aos alcances das mudanças implementadas no governo Lula. Como a reforma agrária e a tributária que avançaram muito pouco. As denúncias de corrupção do e no governo Lula, decepcionaram os que apostavam no avanço da democratização do Estado. Apelidado pela mídia de “mensalão”, o esquema político de compra de votos, onde os deputados recebiam “mesadas” em troca de apoio a projetos políticos, evidenciava a persistência do histórico problema. Além disso, a desigualdade segue sendo uma das principais características de nossa sociedade.

Em 2010: uma mulher presidente do Brasil

“Pela decisão soberana do povo, hoje será a primeira vez que a faixa presidencial cingirá o ombro de uma mulher”,

(Dilma Roussef. Discurso de posse Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2011/01/01/leia-integra-do-discurso-de-posse-de-dilma-rousseff-no-congresso>)



Figura 14 - Lula e sua herdeira política, Dilma Rousseff

Em 2010, Lula apoiou a campanha da ex-Ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff (PT) para presidência da República. Vencendo José Serra (PSDB), Dilma representou uma novidade, pois foi a primeira mulher a alcançar este cargo no Brasil. Militante da guerrilha contra a ditadura civil-militar, foi presa, torturada e processada entre os anos de 1970 a 1973.



Figura 15 - Foto de Dilma com 22 anos, respondendo a um interrogatório na sede da Auditoria Militar do Rio de Janeiro – após 22 dias de tortura. A foto inédita foi revelada pelo livro *A vida quer coragem*, de Ricardo Amaral, que conta a história da juventude militante da presidente.

Nas urnas, o povo optou pela continuidade do modelo político adotado por Lula ao eleger Dilma. Em seu governo, a presidente deu continuidade aos investimentos nos programas iniciados pelo seu antecessor.

“Estudos e pesquisas mostram que houve uma mudança profunda na composição da sociedade brasileira, graças aos programas governamentais de transferência da renda, inclusão social e erradicação da pobreza, a política econômica de garantia do emprego e elevação do salário-mínimo, a recuperação de parte dos direitos sociais das classes populares (sobretudo alimentação, saúde, educação e moradia), a articulação entre esses programas e o princípio do desenvolvimento sustentável.

De modo geral, utilizando a classificação dos institutos de pesquisa de mercado e da sociologia, costuma-se organizar a sociedade numa pirâmide seccionada em classes designadas como A, B, C, D e E, tomando como critério a renda, a propriedade de bens imóveis e móveis, a escolaridade e a ocupação ou profissão. Por esse critério, chegou-se a conclusão de que, entre 2003 e 2011, as classes D e E diminuíram consideravelmente, passando de 96,2 milhões de pessoas a 63,5 milhões; já no topo da pirâmide houve crescimento das classes A e B, que passaram de 13,3 milhões de pessoas a 22,5 milhões. A expansão verdadeiramente espetacular, contudo, ocorreu na classe C, que passou de 65,8 milhões de pessoas a 105,4 milhões. Essa expansão tem levado a afirmação de que cresceu a classe média brasileira, ou melhor, de que teria surgido uma nova classe média no país.” (CHAUÍ, Marilena. *Uma nova classe trabalhadora brasileira*. pp. 123-133 In: SADER, Emir (org). *Lula e Dilma: dez anos de governos pós neoliberais no Brasil*. Rio de Janeiro: FLACSO, 2013)

O Brasil e a política externa na “Era Lula-Dilma”

“Gostaria de falar de três pontos que acho que merecem destaque na nossa política externa. A importância de ter colocado a fome como tema central em todos os fóruns mundiais, a aproximação com os países da América Latina e da África e os esforços para mudar as instituições multilaterais e a governança global” (LULA DA SILVA: *Adaptado de: <http://www.institutolula.org/lula-fala-dos-tres-eixos-da-politica-externa-de-seu-governo-em-conferencia-na-ufabc/#.Ujr21n96-g5>*.

As relações geopolíticas internacionais sofreram grandes mudanças através das décadas. Se a década de 80 foi considerada a época do retorno do poder norte-americano, os anos 90 foram marcados pela globalização e pela

vitória neoliberal. A partir de 2001, fala-se da época dos impérios e da guerra global ao terrorismo. O ataque às torres gêmeas em Nova Iorque, em setembro de 2001, marcou uma virada na política externa norte-americana materializada pela invasão do Afeganistão e do Iraque.

A China e o sudeste asiático ganharam destaque e peso importantes nas relações comerciais e políticas internacionais. Esse era o cenário mundial quando Lula assumiu a presidência em 2003.

Um ponto marcante da política externa do período Lula foi sua ênfase em colocar na **agenda internacional** temas sociais como o combate à fome. Essa posição ficou clara quando o presidente brasileiro afirmou, no Fórum Econômico Mundial, em Davos (2003), frente a um presidente americano comprometido com a guerra contra o terrorismo, que a única guerra que ele queria levar adiante era contra a fome e a pobreza.

Agenda internacional – questões internacionais do momento. Atualmente a agenda internacional privilegia a proteção dos direitos humanos, do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável, da mulher e da criança, as regras do comércio, a luta contra o terrorismo e o fundamentalismo religioso, a não proliferação nuclear, o regionalismo e a integração econômicos.



Lula direcionou a política externa brasileira no sentido das negociações comerciais e na busca de coordenação política com países em desenvolvimento e emergentes, com destaque para a Índia, África do Sul, China e Rússia. As relações com a América do Sul também foram um ponto importante da nossa política externa no período. Nesse sentido, o discurso de posse de Dilma reitera o compromisso de associar o destino do Brasil ao da América do Sul. Os dois governos buscaram alianças privilegiadas no eixo Sul-Sul, o que se torna claro com a criação do **IBAS** (sigla que se refere aos membros do grupo – Índia, Brasil e África do Sul) ou **G-3**.

A sociedade e suas lutas

No mundo atual, as Organizações não governamentais (ONGs) são instituições sem fins lucrativos, caracterizadas por fundações, associações e demais organizações de natureza jurídica privada com finalidade pública. Sob o termo "organização não governamental" se insere um vasto número de organizações, que vão desde uma pequena associação de produtores rurais do interior da Paraíba à Fundação Roberto Marinho.

A explosão da criação de ONGs ocorre na década de 1990 e produz uma mudança no perfil destas organizações. As primeiras foram criadas no marco da redemocratização do Brasil - em fins da década de 70 - e atuavam numa perspectiva de participação cidadã, interferindo nos marcos da ampliação dos direitos sociais durante a década de 80. Já as mais recentes responderam ao modelo de privatização do Estado implementado no período e passaram a atuar como prestadoras de serviço, uma espécie de terceirização do papel do Estado.

Veja aqui as principais áreas de atuação das ONGs no Brasil:

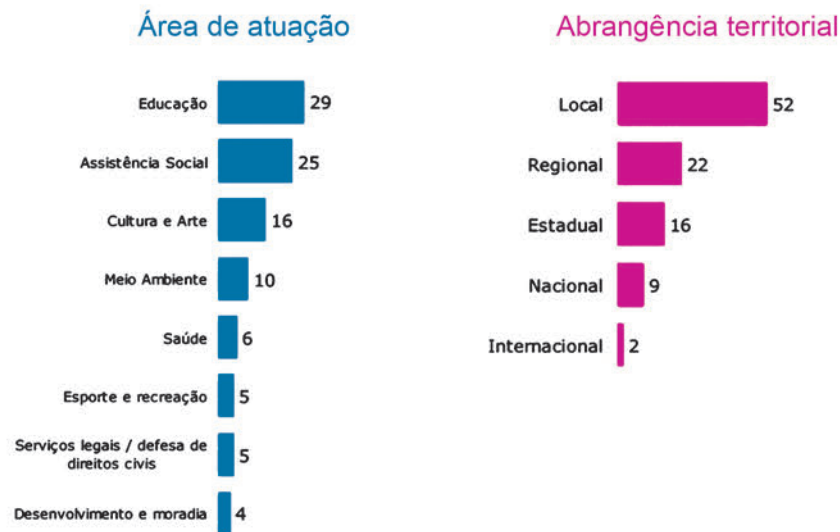


Figura 16 - Atuação das ONG no Brasil

Resumo

Nessa unidade você aprendeu que:

- O Estado do Bem-estar Social foi um período do capitalismo em que a educação, o emprego, a saúde, a previdência e a assistência passaram a ser priorizados nos projetos de desenvolvimento.
- A globalização é um processo de mundialização das relações sociais, financeiras e culturais.
- Houve uma crise no modelo de Estado de Bem estar social, dando início à época neoliberal.
- A crise atinge o Brasil e o resultado foi o aumento da dívida externa e manutenção da desigualdade social
- O modelo neoliberal também entra em crise. A insatisfação gera movimentos que se colocam contrários á globalização capitalista, denunciando a concentração de riquezas.

- Durante a Era Lula-Dilma, o governo brasileiro adota uma postura de valorização de programas sociais.
- A política externa privilegia uma agenda internacional de combate à fome e à miséria e se baseou na adoção do multilateralismo.
- Cresceram as ações de combate a fome e a miséria por iniciativa das Organizações não Governamentais.

Veja Ainda

Filmes

- **A batalha de Seattle** (2007). Direção de Stuart Townsend.

O filme retrata as manifestações nas ruas de Seattle, em protesto contra a Organização Mundial de Comércio.

- **Biutiful** (2010). Direção de Alejandro González Iñárritu.

O filme aborda a vida de Uxbal (Javier Bardem) que coordena vários negócios ilícitos, que incluem a venda de produtos nas ruas da cidade e a negociação do trabalho de um grupo de chineses, cujo custo é bem menor por não serem legalizados e viverem em condições precárias.

- **A dama de ferro** (2011). Direção de Phyllida Lloyd.

O longa mostra a história da ex-Primeira Ministra da Inglaterra Margaret Thatcher

- **Lula: o Filho do Brasil** (Brasil/ 2009). Direção: Fábio Barreto

O filme é baseado em um livro homônimo, escrito por Denise Paraná, e conta a história de Lula desde o seu nascimento até o momento da morte de sua mãe – quando, aos 35 anos, Lula era um sindicalista atuante, que já havia sido detido pela polícia durante a ditadura militar.

Sites

- **occupywallst.org**. Neste sitio você irá perceber a dinâmica atual do movimento *occupiers*.

Imagens



• Acervo pessoal • Andreia Villar



• Cláudia Affonso



• Cláudia Affonso



• <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=35910>



• <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=873>



• <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:ItaipuAerea2AAL.jpg?uselang=pt-br>



• http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rio_de_Janeiro_Ponte_Niteroi_Aerea_102_Feb_2006.jpg



• http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kernkraftwerk_Angra.jpg



• <http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=224>



• <http://pt.indymedia.org/conteudo/editorial/21>



• <http://passapalavra.info/?p=18911>



• <http://occupywallst.org/attendees/>



• <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,entortando-o-torno,768064,0.htm>



• <http://www.institutolula.org/galerias/galerias1396/7/?novoalbum=LulaEDilmaEmSeminarioEmPortoAlegre>



• <http://www.viomundo.com.br/humor/lobao-diz-que-dilma-sequestrou-aviao-e-luana-que-e-pau-manda-do.html>



• <http://www.spsg.com.br/causas/ong-terceiro-setor-segue-em-crescente-desenvolvimento-no-brasil/>

Atividade 1

O aluno deverá ser capaz de distinguir problemas de caráter temporário de crises estruturais. Ele poderá dar o exemplo do desemprego estrutural, que acaba com empregos existentes por uma profunda mudança tecnológica ou econômica.

O aluno deverá reconhecer que durante a Era de Ouro do capitalismo o governo financiava pesquisas tecnológicas de ponta, desenvolvendo um campo de risco para a paz mundial e o meio ambiente. Havia um forte interesse das empresas privadas no setor bélico (militar), e a possibilidade do aumento do consumo em massa, aumentando, assim, a necessidade de mais recursos naturais e matérias-primas.

Atividade 2

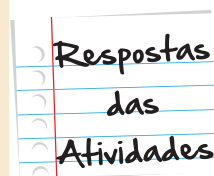
O afastamento mostra que o PIB per capita cresceu muito mais do que o salário mínimo real no Brasil durante as décadas de 1940 e 1999.

É possível observar que o maior afastamento das duas linhas se dá durante o período histórico chamado de Milagre Brasileiro (1969-1973)

Atividade 3

Uma crítica vem do Papa João Paulo II: “Para João Paulo II, este modelo de globalização agrava as desigualdades entre as nações e penaliza os pobres. Hoje, 80% da produção industrial do mundo é absorvida por apenas 20% da população da Terra”. Outra crítica do texto: “O livre mercado resultou em guerras; o receituário do FMI empobrece a América Latina e leva a Argentina à falência, obrigando o Brasil a sofrer uma sangria mensal de US\$ 2 bilhões; o desemprego tornou-se crônico; o socialismo faliu no Leste europeu”.

Segundo Frei Beto, o Fórum Social Mundial tem como prioridade abrir pistas de esperança, a partir de experiências concretas, rumo a um novo modelo de sociedade sustentável, solidária, centrada na defesa dos direitos humanos e dos recursos da Terra.



Bibliografia Consultada:

- CEPALUNI, Gabriel & VIGEVANI, Tullo. A política externa de Lula da Silva: a estratégia da Autonomia pela Diversificação. In: *Contexto Internacional*. Rio de Janeiro, vol. 29, nº 2, julho/dez 2007, p. 273-335.
- CHESNAIS, François. Tendências profundas do imperialismo e ampla crise de leadership. In: *Revista Margem Esquerda*. Nº 1, 2003. Editorial Boitempo, pp 11-18.
- CHOMSKY, Noam. Os dilemas da dominação. In: BORON, A. (org) *Nova hegemonia mundial. Alternativas de mudança e movimentos sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2004, pp 15-36.
- EVANGELISTA, Fernando. *Caros Amigos*, agosto de 2001, ed 53.
- FIORI, José Luís. *O poder Global*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- _____. O Brasil e seu "entorno estratégico" na primeira década do século XXI. In: SADER, Emir (org). *Lula e Dilma: dez anos de governos pós neoliberais no Brasil*. Rio de Janeiro: FLACSO, 2013, pp. 31-52.
- _____. "O consenso de Washington". Palestra proferida no CCBB, em 04/09/1996.
- _____. Acumulação global e ingovernabilidade local. In: RIBEIRO, Luiz Cezar de Queiroz (Org.) *O futuro das metrópoles*. Rio de Janeiro: Revan: FASE, 2000.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.
- HOBSBAWM, E. *A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LULA DA SILVA, Luiz Inácio. Discurso do senhor presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão de posse, no Congresso Nacional, em Brasília. In: AMORIM, C.; GUIMARÃES, S. P.; LULA DA SILVA, L. I. *A política externa do Brasil*. Brasília: IPRI/Funag, 2003a.
- MÉSZÁROS, István. *O século XXI: socialismo ou barbárie?* São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- SANTOS, Boaventura S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, B. S. (org). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo, Cortez, 2004. Disponível em http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/sociologia_das_ausencias.pdf. Acesso em 3/12/2012
- SANTOS, Boaventura S. *Um discurso sobre as ciências*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- WOOD, E. O que é anticapitalismo? In: *Revista Crítica Marxista*, nº 17, novembro/2003, pp 37-50. Campinas, Ed Revan.

Sites acessados:

- <http://abong.org.br/ongs.php>
- <http://www.sosma.org.br/quem-somos/historia-2/>



O que perguntam por aí?

Questão 1 (Enem 2011)

O ex-presidente do Banco Central americano disse ontem que “um tsunami do crédito que ocorre uma vez por século” trouxe os mercados financeiros. Em audiência na Câmara dos Representantes dos EUA, frisou que as instituições não protegeram os investidores e aplicações tão bem como ele previa.

Adaptado de O Globo, 24/10/2008

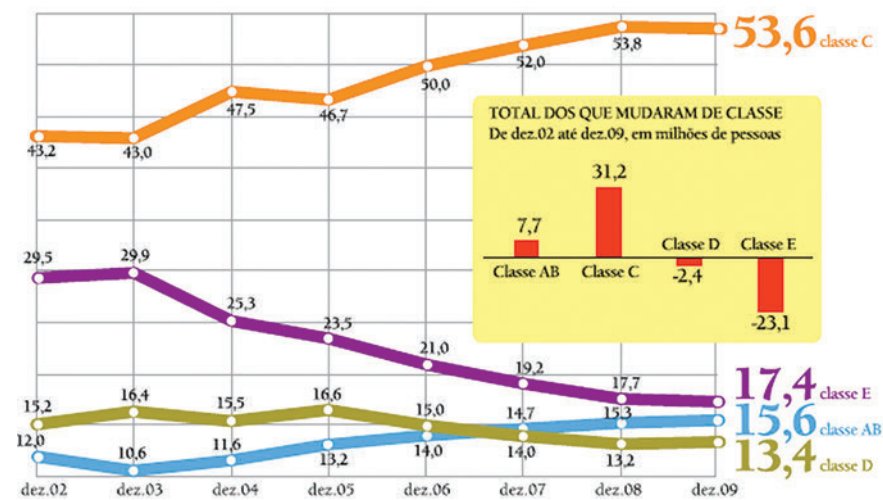
A crise financeira que se intensificou no mundo a partir do mês de outubro de 2008 colocou em xeque as políticas neoliberais, adotadas por muitos países a partir da década de 1980. A principal crítica ao neoliberalismo, como causador dessa crise, está relacionada com:

- a. diminuição das garantias trabalhistas;
- b. estímulo à competição entre as empresas;
- c. reforço da livre circulação de mercadorias;
- d. redução da regulação estatal da economia.

Resposta: D

Questão 2 (Enem 2011)

No gráfico abaixo, estão representadas mudanças no perfil socioeconômico da população brasileira entre 2002 e 2009.



Adaptado de Folha de S. Paulo, 18/04/2010

Um dos principais fatores que possibilitaram as mudanças representadas no gráfico é:

- elevação do poder aquisitivo;
- ampliação da expectativa de vida;
- estabilização da oferta de emprego;
- diminuição da taxa de analfabetismo.

Resposta: A

Questão (UERJ 2012)

A crítica feita nos quadrinhos se relaciona com uma contradição do capitalismo globalizado, o qual se caracteriza simultaneamente por:



ANDRÉ DAHMER
Adaptado de O Globo, 25/04/2012.

- a. elitização do acesso digital – popularização das mídias alternativas;
- b. requinte dos sistemas produtivos – declínio dos regimes democráticos;
- c. manipulação dos padrões técnicos – simplificação dos métodos de gestão;
- d. consumo de produtos sofisticados – exploração da força de trabalho fabril.

Resposta: D



